



CEAD
Centro de Educação
Aberta e a Distância



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias

PROE 
Pró-reitoria de extensão

REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS

Revista do Fórum Internacional de Ideias

Versão em Português

Volume 2, número 1

Inserção da China e dos países
Asiáticos no Processo de
Globalização

ISSN: 2527-1377

Universidade Federal de Ouro Preto

Reitora: Prof^ª-Dr^ª Cláudia Aparecida Marliére de Lima

Vice-Reitor: Prof-Dr Hermínio Arias Nalini Júnior

Pró-Reitor de Extensão: Prof-Dr Marcos Eduardo Carvalho G. Knupp

Centro de Educação Aberta e a Distância

Diretor: Prof-Dr Helton Cristian de Paula

Vice-Diretora: Prof^ª-Dr^ª Kátia Gardênia Henrique da Rocha

Departamento de Educação e Tecnologias

Chefia: Prof^ª-Dr^ª Gláucia Maria dos Santos Jorge

Programa de Extensão Fórum Internacional de Ideias

Coordenador: Professor-Doutor Antonio Marcelo Jackson Ferreira da Silva

Bolsistas:

Bárbara Alvino Precioso Guimarães

Carolina Fernanda Coelho Soares

Julia Barbosa Massa Correa

Matheus Effgen Santos

Inserção da China e dos países Asiáticos no Processo de Globalização

Professor Antonio Marcelo Jackson: Bom, nós estamos começando o nosso fórum internacional de ideias e no dia de hoje a equipe toda está online, todos nós participando. A professora Simone Maria Rocha que tem doutorado em educação na Universidade Federal do Semi-Árido, Marina Marques que é doutoranda pela Universidade de Berlim em economia e na área de estudos asiáticos, Renato de Gasp que é mestrando em relações internacionais da Universidade de Zhejiang, nosso querido professor José Medeiros, doutor em Ciência Política pela USP e professor também na universidade de Zhejiang-Hangzhou e Rafael Lima, mestre em relações internacionais trabalhando na agência Xinhua de Notícias. Além de mim, Professor Antônio Marcelo Jackson aqui na Universidade Federal de Ouro Preto. A nossa conversa de hoje é sobre globalização e particularmente a inserção da China e dos países asiáticos nesse processo de globalização, aí eu passo a palavra para nossos colegas da China, particularmente Maria e Renato. Eu queria que vocês participassem um pouquinho já nesse início na sequência o Rafael que tem uma opinião fundamental e todos os demais vão se inserindo na conversa. Uma conversa maravilhosa reunindo as cidades de Beijing, a cidade de Hangzhou, a cidade da Simone no interior do Rio Grande do Norte, Caraúbas e Ouro Preto aqui em Minas Gerais. Bom passo a palavra então ao José Medeiros para continuar junto à equipe de Hangzhou, por favor.

Professor José Medeiros da Silva: Em primeiro lugar, eu gostaria de destacar a importância desse segundo fórum que tem agora essa natureza de roda de conversa sobre um tema em que o objetivo maior é estimular as reflexões sobre o que está acontecendo no mundo. O Brasil é parte no mundo, ele precisa perceber o que se passa no mundo e o fórum internacional de ideias, a partir dessa conversa pode estimular essas reflexões. Hoje nós temos o prazer e a sorte de estar aqui com dois jovens, com três jovens, porque o Rafael, os três, são de relações internacionais, são formados no mesmo curso em uma mesma Universidade que é a FACAMP. Um curso muito bom na área de relações internacionais e os três vieram para China justamente fazer mestrado nessa área direcionada para a economia e hoje estão aqui nesta conversa. Então, eles tem uma inserção dentro da China, tem estudos nessa área em uma discussão contínua aqui com a gente sobre esse tema. Eu penso que isso vai ser muito importante para o fórum e para levar para a sociedade brasileira, para que possa entender como é esse ator chamado China no palco da governança global, na organização do mundo. Como é que esse mundo ordenado também pela China passa a ter esse desenho, como ele pode tomar e como nós podemos participar também enquanto brasileiros. É isso aí, como eu falei, a Marina que você acabou de apresentar agora já está saindo da China para começar seu doutorado na Alemanha, na universidade de Berlim, o que mostra também que o Brasil está formando uma Juventude disposta a entender o mundo e interagir com o mundo, contribuir para o desenvolvimento do Brasil. Aqui, os três jovens, eu nem falo da Simone e do professor Antônio que já estão em sua posição prática como professores da universidade mas, estou falando dessa geração que está aí também mostrando que os jovens, mesmo que uma parte dos jovens estejam dispersos, estejam agindo como se nada estivesse acontecendo, querendo fugir do próprio mundo e do Brasil, outros são exemplo de que não, mesmo distantes estão sempre ligados ao Brasil e tentando entender o mundo para melhorar o Brasil. Estamos aqui, juntos nessas quatro cidades

bem distintas como Professor Antônio destacou no último fórum, não está vindo de grandes centros de pesquisas e são fatores importantes, são pessoas, pesquisadores que estão tendo uma atuação social em áreas tidas como periféricas. Na verdade, não existem áreas periféricas esse é um olhar de quem olha a partir do centro, existem humanos espalhados no universo e nós estamos aí. O Rafael na capital chinesa, participando diretamente de um grande evento, um dos maiores eventos internacionais que vão acontecer nos próximos dias, que ele pode falar melhor sobre isso que é um grande projeto chinês da inserção chinesa na globalização e ele como protagonista, desempenhando o papel de jornalista nesse processo na agência e esses dois jovens que estão aqui, que eu tenho prazer de estar com eles. A Marina é certamente uma pessoa que pode, junto com os economistas do presente e do futuro, inclusive construir respostas de como organizar a economia brasileira que atenda a necessidade de um projeto nacional que nós estamos também a pensar e construir. Então, só fazendo a introdução geral e agora socializar a palavra para que eles possam também enfim, participar dessa roda de conversa.

Professor Antonio Marcelo: Apenas como sugestão Rafael e Renato, eu sugeriria o seguinte, a Marina abrir a fala, na sequência o Rafael e depois Renato ok? Então, por favor Marina a palavra é inteiramente sua.

Marina: Obrigada Professor, eu estou muito feliz em participar do fórum. Bom, iniciando os comentários sobre a globalização, em especial falando da globalização liderada pela China, que vamos dizer assim, ganhou mais importância, mais destaque a partir de dados com a apresentação do presidente Xi Jinping, com maior atuação. Mas, se formos olhar mais atentamente para a globalização liderada pela China, não liderada, mas com participação chinesa, podemos voltar um pouco mais e perceber que na década de 90 isso já estava acontecendo, na década de 70 a partir de 1978 com abertura da economia chinesa para o comércio. Mas, já na década de 90 as empresas chinesas começam a sair, em especial para estudantes asiáticos para a África, com uma atuação importante na África e hoje temos grandes grupos empresariais chineses. Se olharmos, as cinco maiores empresas são chinesas, pela Forbes 120 de 500 São chinesas, muitas delas são lideradas pela província ou estatais. Então, a gente pode olhar pela questão do comércio, podemos olhar pela questão das empresas e também pela participação em fóruns internacionais. Acho que são três pilares importantes só para iniciar.

Professor Antonio Marcelo: Achei interessante as reflexões que a Marina fez. Então, Rafael eu queria que você desce tratos à bola agora, para continuar esse papo interessante.

Renato de Gapi: Bom, no passado a China esperava que isso fosse acontecer mas não esperava que fosse ser tão logo, eu digo isso porque a eleição do Donald Trump nos Estados Unidos foi uma coisa que a imprevisibilidade colocou que ele ia ganhar mas era algo assim, duas chances para uma, ele podia ganhar ou não. Temos que lembrar que, a diplomacia é sempre dada com símbolos, ela é feita de símbolos e acho que o que simboliza o Donald Trump diplomaticamente nesse momento é que ele é um líder tão instável e complicado que, diplomaticamente os Estados Unidos perdeu força apenas

pela sua eleição. Eu tenho essa análise de que não temos força militar mas continuamos sendo um apoio importantíssimo. Mas, em termos de liderança técnica entre outros, a China hoje, tem um espaço maior do que tinha no passado, que tinha a cerca de 6 meses atrás nesse sentido. A segunda questão é a Europa. Lidar com a Europa da maneira como está agora é mais desafiador mas, também, gera outras novas oportunidades, lidar com Europa lidando primeiro com a União Europeia e em separado com o Reino Unido é uma coisa, lidar com todo mundo junto é diferente. Então, acho que ainda tem a possibilidade de se fazer comércio com os dois lados, sobretudo Bruxelas, pode tentar colocar como exemplo, se isso acontecer, se a União Europeia tiver uma ruptura maior com o Reino Unido. Isso também traz uma oportunidade para a China e tudo isso com uma conjuntura do Cinturão em Rota, que coloca a China como ator mais importante do que nunca para a região centro-oeste asiática e do Sudeste Asiático. Assim, a China está no momento em que tudo está dando certo em termos de política externa, é um momento de oportunidades enormes para a China e essa reunião agora é uma oportunidade para que ela possa demonstrar qual vai ser a cara dessa liderança em termos de cooperação e qual vai ser o tônus dessa liderança. Eu tenho algumas apostas para fazer mas eu vou esperar a reunião passar para fazer outras análises, obrigada.

Professor Antonio Marcelo: Tá certo. Bom, é uma pena eu estava pensando que você ia fazer as apostas agora, já estava anotando tudo. Simone, você tem algum comentário minha amiga? por favor fique à vontade.

Professora Simone: Eu tenho uma pergunta, sou tão aprendiz nessa conversa professor, que diferente do senhor não tenho 15 perguntas, tenho duas ou três mas, fiquei pensando enquanto vocês estavam falando, pois, não sou muito conhecedora dessa discussão, sou um pouco leiga mas, diante de todas as transformações, de todos os problemas, existe o problema da imigração na Europa que agora é tão forte e tão segura. Também, toda uma política e economia uma forma social de perceber a Europa, se de repente pudéssemos pensar um pouco sobre isso e como podemos perceber o Brasil ou como a China percebe o Brasil diante dessa globalização em que o Rafael fala, da dianteira econômica chinesa, da política e como o Brasil se situa nisso como vocês tem percebido a relação Brasil e China?

Professor Antonio Marcelo: Bom, essa pergunta está para Marina e Rafael e depois tenho uma pergunta para o Renato. Fica a critério de vocês, primeiro Marina falando dos Imigrantes da Europa, dessa conclusão e para o Rafael como a China está vendo o Brasil, essa posição oficial. As duas perguntas são bem interessantes.

Marina: Na questão econômica da relação Brasil e China, bom, hoje a China é o maior parceiro econômico do Brasil, é então, para o Brasil em termos de exportação muito importante porém, o que a gente exporta é basicamente matéria-prima e isso para o Brasil não é muito interessante. É um setor que não emprega muitas pessoas que é muito concentrado então, a receita vai praticamente para poucas pessoas, não tem desenvolvimento da indústria movido por essa relação Brasil e China. Por outro lado, importamos vários bens industrializados que competem com a indústria nacional, o que por um lado é bom para o consumidor por que são produtos baratos, mas por outro lado não está gerando emprego e renda dentro do Brasil. Então, é uma relação que é desigual e que o Brasil não está se posicionando como deveria. Existem várias possibilidades,

várias chances para o Brasil mas a gente não está aproveitando a melhor parte dessa relação.

Professor Antonio Marcelo: Aproveitando a pergunta da Simone e agora na fala da Marina frente a isso, a Marina em termos econômicos colocou qual é a visão oficial da China em relação ao Brasil, quer dizer, o que a China pensa? o que é essa terra estranha chamada Brasil, para a China?

Rafael: Olha professor, não posso falar em nome da China, não sou representante da China nem estou nessa função, mas, naquilo que vejo como a voz oficial da China sobre o que a China tem falado por aqueles que podem falar por ela, o Brasil é sem sombra de dúvida um parceiro e um parceiro importante, talvez o maior parceiro o mais importante na América Latina. Agora, eu também não tenho dúvida que o modelo que está posto da China nesse momento é o modelo de desenvolvimento comum, a proposta está colocada na mesa agora e nós estamos na fase em que todos vão se alinhar justamente para ver se isso é potável ou não. Pela fala da Marina parece que alguma coisa já está um pouco crítica para o lado do Brasil, um pouco mais difícil mas ela se referiu a uma relação desigual ao Brasil. Mas veja, acho que nesse caso é legal pensar, não defender a China porque a China não precisa ser defendida, não fui pago para isso, mas se é uma relação desigual entraremos em outro tópico que acho interessante, que no futuro discutiremos, por que essa relação é desigual? esse modelo colocado de Brasil como um país exportador de matérias-primas, de commodities, está sendo colocado pela China? é a China que coloca esse modelo para o Brasil ou é o Brasil que não tem escolhido outro modelo para si, que não tem aplicado um outro modelo para si? Isso é uma questão muito mais de ordem internacional, do que está sendo colocado dentro do teatro de operações do sistema internacional ou é o modelo que ainda estamos lutando para nos encontrarmos enquanto nós mesmos? E a partir daí sabemos que somos o que nós queremos e colocaremos para a China. O que é desenvolvimento comum para nós, o que é vantagem, o que é uma parceria ganha-ganha para nós. A China claro, tem os seus objetivos que são muito claros, ela tem sua defesa nacional e sua situação comercial e econômica no mundo. É claro que ela dando o tom ela vai dar o tom chinês, agora sendo um modelo de desenvolvimento comum será que os canais estão fechados para essa discussão do que é o desenvolvimento comum? É isso que o Brasil precisa parar um pouco para pensar, o que ele quer da china? O que é desenvolvimento para o Brasil relacionado com a China? O que é a China como parceira de desenvolvimento? Eu acho que é essa questão que a China tem como modelo uma parceria de benefício comum, eu não tenho dúvidas agora que o Brasil ficar engatinhando ainda, na falta de uma estratégia nacional de um grande objetivo estratégico, sem saber para onde vai e da onde vem, para onde está indo. Então, não é problema chinês concorda? Sendo bem sincero é um problema nosso. Acho que é por isso que estamos aqui inclusive, levantando esses tons: quem não somos, da onde viemos, para onde estamos indo e o que queremos dos nossos parceiros que são todos os países. O que queremos dos Estados Unidos com o Trump, como o Renato falou, o tempo é uma realidade que veio e alterou o mundo não só o relacionamento com a China. A China tem lidado com os Estados Unidos da forma como ela acha que é mais adequada para aquilo que ela considera como um modelo ganha-ganha. Então, essa questão envolve não só o relacionamento com a China mas também o relacionamento de todos os países do mundo com todos os blocos do mundo. O que é o Mercosul para o Brasil? O que a Argentina para o Brasil? O que são seus vizinhos? Como se dá esse modelo? Como interagimos e nos comunicamos com eles? Mas acima de tudo, quem somos Para onde

vamos e o que queremos. Acho que essa discussão está colocada e o momento do Brasil está tão politicamente complicado, isto é, a crise de imigração existe, ela é uma realidade, você tem uma série de problemas uma crise de refugiados mas, acho que existem condições socioeconômicas profundas nesse aumento do populismo na Europa, não é só uma questão da imigração, vai além disso. A xenofobia é alimentada pelos refugiados, é mais o desespero que leva à procura de alternativas nesse sentido, é fruto de uma crise socioeconômica e de uma falta de alternativas democráticas por conta de um esvaziamento de uma proposta mais definitiva.

Renato: A crise de imigração, é óbvio que ela existe em uma série de problemas da crise de refugiados mas, acho que existem questões socioeconômicas profundas nesse aumento do populismo na Europa, acho que não é só uma questão de migração vai além disso. A xenofobia é alimentada pela presença dos refugiados? Ela é. Porém, mais do que o desespero que leva à procura de alternativas nesse sentido, é fruto de uma crise socioeconômica e de uma falta de alternativas democráticas por conta de um esvaziamento de uma proposta mais reconstrutiva. Isso morreu na Europa devido a uma constituição econômica que vem do tratado de Maastricht em 1992, que impediu esse tipo de política distributiva, que se transformou déficit. Enfim, colocando a questão do Brasil, do Trump, símbolos e diplomacia que é a segunda parte da questão, só para tentar ser breve vou colocar o seguinte, o Trump mudou tudo porque ele é realmente diferente de um político tradicional isso é inegável, ele é mudança mas mudança por mudança não é necessariamente bom, a mudança ela vem e temos que lidar com as consequências boas e ruins dela. O Trump ser eleito tem consequências ruins para os Estados Unidos, de modo geral acho que são poucas as consequências boas que o Trump vai trazer, talvez gere uma espécie de procura por algo novo, diferente dele mas, não sou muito otimista nessa relação. Agora, tem consequências para a diplomacia internacional que são no mínimo interessantes para quem estuda relações internacionais e abre essa possibilidade para a China que eu estava falando da outra vez. A China se torna o paladino da globalização, que é uma coisa estranhíssima se você for pensar há dez anos atrás, não é muito tempo. A China era atacada por violar leis da Organização Mundial do Comércio, a China era atacada por se opor a globalização que aparentemente era uma coisa maravilhosa, que todo mundo amava e hoje a grande defensora da globalização como fala o Rafael e a Marina é a China. É uma mudança em 10 anos que é absurda e que é potencializada pelo Tramp, potencializada por essa eleição. O Brasil nisso está perdido, perdido não no sentido de não ter como ajuda-lo mas, está flutuando. Nós temos dois ministros de relações exteriores primeiramente José Serra depois Aloysio Nunes, eles não tem muita ideia do que estão fazendo, desculpa mas, eles não tem a menor ideia de China por exemplo, que é algo importantíssimo hoje, eles não tem muita ideia do que é política externa e ainda estão se apegando a uma ideia antiga do que é a parceria. Vamos levar e trazer a tradição de Rio Branco, alinhar os estados unidos, as coisas mudaram muito no cenário internacional está na hora do brasil começar a entender a China não só como parceiro mas, entender a China para poder negociar com a China. Os chineses fazem coisas de jeitos diferentes do que estamos acostumados não é o mesmo jeito, as coisas funcionam muito diferente com a diplomacia chinesa e temos que aprender a lidar. É necessário que nós façamos quadros diplomáticos brasileiros que estejam acostumados com isso que tenham a capacidade de lidar com isso de maneira mais competente Eu acho que o Brasil tem um déficit de como lidar com a China, a gente tem que resolver isso, tem pessoas muito competentes no Brasil isso é fato mas não é o geral. É isso.

Professor Antonio Marcelo: Eu só queria fazer uma observação Renato e depois passar a palavra para o professor José Medeiros. Pedindo desculpas pela crítica que você fez aos nossos ministros de relações exteriores o Serra e o Aloysio, acho que eles que deveriam pedir desculpas a todos nós, essa é minha modesta opinião a esse respeito. Agora, aproveitando esses últimos comentários que Renato fez e também o Rafael fez, eu me lembro professor José Medeiros de um artigo que você e Rafael publicaram no ano passado logo depois da reunião do G20 na cidade de Hangzhou, onde foi feita uma crítica à postura do Brasil e eu queria Professor José, aproveitando a carona da fala do Rafael e do Renato que se deu origem da Marina, sempre pensando nas perguntas que a Simone colocou para a gente de maneira fantástica, fizessem comentários disso e colocar-se alguma coisa em pauta. Quer dizer então, passados esses meses o Brasil continua aquele mesmo que o José Medeiros e o Rafael criticaram na reunião do G20, as coisas não mudaram ou talvez até pioraram.

Professor José Medeiros: Professor, realmente é um privilégio nosso participar de um fórum como esse onde os jovens estão trazendo essas sugestões para reflexões tão especiais. Fazendo uma síntese do que nós já estamos discutindo, por exemplo o que a Marina colocou que é um fato em relação aos interesses chineses no Brasil e mostra que o Brasil não tem um projeto nacional coeso, onde os diversos seguimentos sociais compartilhem minimamente com esse projeto. Então, o país está sem cabeça internamente. Isso significa que os grupos tendem a se perder, tendem a correr para o campo de batalha para pegar o que sobra da guerra, as roupas sujas dos soldados que morreram, as migalhas que ficam, as sobras que ficaram campo de guerra, é o que está acontecendo com o Brasil. Então, no momento histórico onde o mundo se reordena com emergência do novo ator, esse ator é a china abre-se uma oportunidade histórica do Brasil participar como protagonista de processo e estava até fazendo e de repente essa crise política onde estamos divididos nos tira literalmente desse processo. Então, por mais que tenha iniciativa de intelectuais, do Itamaraty, de empresários e de outros seguimentos, o Brasil como um país, como estado, como uma nação, não tem uma estratégia para lidar com outro porque não consegue resolver-se nem consigo próprio. Esse é o momento atual que é uma pena, mas eu acredito que a partir dessa conversa nossa e também da nossa determinação vamos ter que alterar isso. Então, nesse caso por exemplo um oportunista, um grupo oportunista no sentido de que querem oportunidade, não no sentido ruim ou pode ser no sentido ruim também, pode um negociante, vendedor da Pátria, dos interesses estratégicos do nosso povo, vender os nossos interesses nacionais para qualquer comerciante seja ele árabe, chinês, americano porque ele não tem uma consciência de pensar o Brasil para o bem de seu povo, para o cuidado de seu povo, Isso é fato. O que a Marina coloca que por exemplo o Brasil na atual relação com a China e com os outros é bem desfavorável, a causa principal talvez seja essa. O Rafael colocou de forma magistral, somos nós que temos que estabelecer o que queremos e como será a nossa relação com os nossos parceiros agora que também o Brasil tem uma tradição por exemplo, de fornecer commodities para os outros. Isso vem desde a formação do país, do cultivo do açúcar, o professor como Historiador sabe bem disso e agora estamos na soja, no minério de ferro. Como a Marina disse muito bem esses ingredientes beneficiam um pequeno grupo de brasileiros e pior do que isso eles exigem uma grande área comprometendo o futuro do Brasil no sentido de biomas, de destruição de cerrado, avanço na cultura da carne na Amazônia, de um patrimônio para a nossa descendência que é fundamental porque é uma economia baseada na inteligência, a economia que se estabelece a partir de agora e o Brasil precisa correr com

isso. Acho que as duas perguntas da Simone estão direcionando toda a nossa discussão primeiro, sobre como a imigração altera a consciência da visão que predominava naqueles espaços nacionais e até que ponto essa onda de imigração, depois dos bombardeios no Iraque, na Síria etc, não influenciaram no processo da saída do Reino Unido da União Europeia. Então, é um fator que pode ser decisivo e isso enfraquece um projeto que eles tinham de unidade transnacional, o projeto de multinacionais que é União Europeia. A União Europeia deixa de ser um ator relevante do processo, é claro que temos a Alemanha e a França mas são atores menores. Os Estados Unidos continuam a ser O Grande Ator mas, é um ator onde o Renato colocou muito bem, perdeu a legitimidade.

Professor José Medeiros: Agora você é eleito e uma das propostas que você tem é fechar a fronteira com os países irmãos, países amigos, um dos países que apanhou todo processo de criação do Kafta, que é o médico. Então olha a inteligência chinesa. Os Estados Unidos diz assim, México diz vou colocar o Lula que aqui, e eu que sou mexicano começo a chorar e a China vem limpar minhas lágrimas, já está propondo a criação do BRICS ou mais que é inclusão dos cinco países Brasil, Índia, Rússia, China e África do Sul incluindo o Sri Lanka e o Paquistão porque estão entre a estratégia de expansão da Rota chinesa, e o México, então você tá chorando, ninguém te quer eu te quero não e eu tenho dinheiro para te dar é tudo que eu quero do meu pai, mas enfim, infelizmente eu não nasci nesse mundo com herança. Mas veja que o Renato colocou as circunstâncias históricas e fizesse com que a China passasse a ser o principal protagonista do processo de globalização econômica com um detalhe que eu acho que a gente pode introduzir na nossa discussão e a aliás vai ser a pesquisa da Marina na Alemanha no doutorado que é estratégia chinesa de internacionalização da sua moeda, o Renminbi. A moeda chinesa não tem esse poder internacional mas a China começa a si inserir internacionalmente não pela moeda ou pelas finanças mas vai ser pela infraestrutura, então o que o trará uma credibilidade chinesa muito maior não vai ser o dinheiro que você vai jogar no país e o país constrói elefantes brancos, azuis e qualquer coisa, você investe em projetos de infraestrutura é tanto que foi criado o banco da infraestrutura. A Marina pode falar melhor sobre isso é o estudo dela e faz com que então vai alterar a estrutura física social de trabalho desses países onde os projetos chinês onde o projeto é prioritário, então como a China está alterando o mundo e eu gostaria de fazer referência a um pesquisador português, um amigo nosso, o Carlos Prestado que escreveu um livrinho já faz uns quinze anos, mas muito sugestivo onde a China nos obriga a mudar, onde ele já havia percebido isso de forma muito clara de que a China nos obrigaria mudar. Agora como é que nós olhamos para a China, o Renato também colocou de forma perfeita não temos pessoas preparadas, e não é só questão de informação, de formatos não, é o reunião de muita inteligência brasileiras sobre a China que vocês mesmo aqui fazem parte hoje dessa inteligência brasileira sobre a China, eu faço parte dessa inteligência brasileira sobre China, um pouco que se vê em Cabral que é uma das principais autoridades hoje no Brasil sobre China e todo esse pessoal e alguns outros não são muitos a mais alguns outros sem deixar de falar do pessoal da área da cultura com o Centro de Estudos da Universidade de São Paulo, por exemplo, todo esse conhecimento brasileiro sobre China ele não é aproveitado pelo governo brasileiro. O que não ocorre na China, o conhecimento dos intelectuais das Universidades chinesas, e o Renato é a Marina participaram aqui de um seminário organizado pelo centro de brasileiro da nossa universidade e nós percebemos isso é a visão capitando pegando conhecimento e processando esse conhecimento então o Brasil não tá tendo nenhum

cuidado do pouco conhecimento que tem de montar algo para estruturar esse conhecimento e para que esse conhecimento possa ajudar na tomada de decisões seja de duas empresárias, seja na formação de diplomata. Então eu acho que essa questão da Simone a resposta não será satisfatório, será sempre uma questão atual, teremos sempre fazer essa pergunta, o que o Brasil representa para o projeto nacional chinês, e o lado inverso, o que representa a China para o projeto nacional brasileiro, só que não tem resposta porque esse projeto Nacional não existe. Esses são os comentários que eu gostaria de trazer para contribuir também com esse fórum. E eu gostaria que a Marina falasse um pouco agora da infraestrutura, nessas iniciativas e do próprios BRICS e como o que está acontecendo o fórum, o cinturão e a rota. O cinturão seria a parte terrestre que liga a central, a rota seria a rota marítima, e na rota marítima é importante de tratar o papel de Nassau e eu faço referência a um artigo hoje que o Rafael está escrevendo, uma entrevista do Rafael com o professor Doutor Rangel, que é o Presidente do Instituto internacional de Nassau, escrevendo justamente sobre os processos de Nassau nessa rota marítima, então o Brasil esquece que Nassau é parte de um universo da cultura dos órfãos e está numa posição estratégica desse projeto que é o projeto principal nessa situação internacional que é o cinturão e a rota e diplomaticamente despreza isso, despreza porque, por exemplo, o presidente da Argentina já está vindo aqui para o fórum, o presidente da China está vindo e o Brasil nem confirmou, ninguém sabe se vai vir, então o seu principal parceiro comercial que é essa principal atividade diplomática e você despreza isso. Comprovando o que Renato falou, eu nem vou colocar a culpa no Serra porque ele já saiu para o nosso atual chanceler. Eram esses comentários aí.

Professora Simone Rocha: Você me permite só fazer uma observação bem rápida na sua fala porque eu acho que a gente tem um problema estrutural no Brasil com relação ao aproveitamento do conhecimento que é produzido. Então eu acho que é tanto nesse segmento internacional quanto internamente as universidades têm produzido esse conhecimento e nem sempre tem sido aproveitado pelo governo, ao contrário, muitas vezes a gente tem sofrido muito por não conseguir ter expressão, então acho que a gente tem um problema estrutural porque o nosso governo de uma forma geral não aproveita o conhecimento que têm sido produzido uma pena Inclusive.

Professor José Medeiros: Eu acho que um fórum como esse de ideias e quanto mais pessoas perceber isso e talvez até nos reunir para juntar esse conhecimento produzido e exigir sua aplicação, infelizmente, que sejamos nós os cidadãos brasileiros protagonistas disso, já que o governo não está governando nada, está desprezando, o que é o grande patrimônio do povo brasileiro que é seu conhecimento gerado pelas universidades.

Professor Antonio Marcelo: Não sei se vocês lembram mas quando a gente fala de uma elite intelectual vinculada, ainda mais uma elite intelectual que é capaz de influenciar e dialogar com o poder político. A muitos anos atrás foi utilizado uma expressão italiana se não me engano que era inteligência, então para falarmos de uma inteligência quando pensávamos nessa elite intelectual, mas uma elite intelectual dialogando com o poder político, o Millôr Fernandes dizia que no Brasil nós não tínhamos uma inteligência nós tínhamos uma ignorância, então eu acho que talvez seja esse nosso grande problema

Marina: O professor comentou primeiro da questão da moeda, eu acredito que hoje há um plano do governo chinês, um plano que não é de hoje, um plano mais antigo, da internacionalizar o uso da moeda. O dólar desde a crise de 2008 se mostrou uma moeda mais instável que gerou instabilidade em vários países do mundo, não só na China, inclusive no Brasil, e você tem uma moeda, vamos dizer, anã, que é o caso do Renminbi, a moeda chinesa traz várias vantagens então acredito que é uma tentativa. Um dos pilares na internacionalização da moeda é com certeza a iniciativa do cinturão e da rota, por trás desse cinturão acredito que a gente não pode ver essa iniciativa sozinha, ela é acompanhada pelo banco de infraestrutura e investimento asiática e também pelos BRICS, porque quando você tem uma iniciativa tão ampla hoje a gente viu que o cálculo dessa iniciativa é um trilhão a 4 trilhões de dólares, talvez o Rafael esteja mais familiarizado com esse número mas o que se vê nas notícias é por esse valor, então quando você tem um investimento nesse volume você precisa de um banco por trás você precisa de financiamento para tentar tornar viável, então acredito que quem vai estar participando ativamente nesse financiamento é esse banco asiático e também os BRICS que tem um mandato de investimento em infra-estrutura e esses bancos estão preenchendo exatamente um vácuo que existe, uma lacuna, de necessidade de financiamento por investimento feito no mundo e eu acredito que a medida que essas instituições funcionarem, a medida que as empresas chinesas forem para fora e investirem em alguns países, levarem seus bancos juntos, pode ser que uso da moeda chinesa se torne mais viável, talvez isso de mais liquidez para o uso dessa moeda. É claro que uma internacionalização de qualquer moeda envolve vários outros fatores, hoje o sistema financeiro chinês é muito fechado é uma moeda que não é qualquer um que pode usar ela como moeda de pagamento, como um ativo financeiro. Então não é só essa iniciativa, é preciso de uma série de idealizações, de mudanças no sistema bancário chinês, por exemplo, mas são iniciativas importantes para a internacionalização da moeda. Porque, realmente a economia chinesa nesses últimos anos cresceu de forma incrível, economicamente, com investimento e com o comércio, mas a moeda ficou pra trás, então tem um aumento da participação do Comércio mas não tem o aumento da participação da moeda, eu acho que esse vai ser o próximo passo da internacionalização, da globalização chinesa.

Professor Antonio Marcelo: Professora Simone, suas considerações finais por favor

Professora Simone Rocha: Eu quero dizer que estou muito feliz com essa conversa, aprendi muito e eu acho que eu vou sair dessa nossa conversa com uma pergunta, que é, o mundo ele se reordena, no Brasil estamos retroagindo, estamos estagnados, estamos no processo também de reordenação mais lenta, mas enfim, talvez não tenhamos mais tempo para essa discussão, mas eu quero que dizer que estou muito feliz por ter participado desse momento aqui.

Professor Antonio Marcelo: Não perca as esperanças professora Simone, temos ainda o Rafael, e falando nisso, Rafael Lima, a “bola” está com você, por favor, salve a professora Simone por gentileza

Rafael Lima: eu acho Que ela coloca a grande questão na nossa geração. Está grande questão está colocada hoje no Brasil para nós, que talvez foi fazer uma coisa que, mais ou menos, no geral pode ser feita nesse momento, que é observar a existência de algo acontecendo provavelmente a gente encararia ele como um problema. No caso estamos atrasados ou estamos mais lentos ainda se a gente interpretar como um problema mas nós vamos para aquele que é o desafio nosso, se esses são os problemas como resolvê-los. Tem um exemplo chinês, mais enfim, para encerrar eu queria só falar uma coisa, não é defendendo as diplomacias porque a nossa diplomacia também não precisa ser defendida, mas eu queria lembrar a gente falou muito dos ministros, falamos muito da atuação do ministério das relações interiores, eu sou formado em relações internacionais com mestrado em diplomacia pública, inclusive eu queria lembrar que a diplomacia não tem uma função ativa, não é função da diplomacia ser ativa no sentido reformulação de formulação política, o papel dela é você aplicar no contexto internacional os mecanismos e buscar as ferramentas, os interesses que estão colocados e que foram planejados a partir de uma política de desenvolvimento nacional. Então você tem um país que escolhe o seu caminho, que coloca estabelece seus objetivos e alguns desses objetivos necessariamente passam pelo contexto Internacional, pela busca de parcerias, pela a busca de investimentos exteriores, enfim, e você tem uma diplomacia que vai buscar esses objetivos estratégicos no cenário Internacional pela concepção de um maior interno. Temos dados muito bem formulados, acho legal a gente lembrar que o atual embaixador do Brasil na China está nove anos na China e ele fala chinês fluente, então é uma pessoa que representando o estado brasileiro consegue dialogar com a China de igual para igual, a gente tem um corpo diplomático na embaixada e nem todos necessariamente falam chinês, mas você tem uns que falam, é legal da gente lembrar que hoje quem está na frente da Apex, agência para promoção e exportação no Brasil, hoje é o ex embaixador da China no Brasil, então você vê que no Brasil tem a questão da formação de bons quadros mas a questão é que você não tem talvez a aplicação desses quadros porque você não tem a organização interna, eu acho que o Brasil ainda tá pecando muito na questão de onde conseguir se organizar Isso é uma dificuldade que a China passou por muito tempo não foi uma coisa que ela chegou a esse padrão de organização algumas pessoas podem questionar a nossa organização se dá internamente mas a questão é que existe um ordenamento interno na China e que é muito criticado mas ele existe, ele tá posto e a partir de isso que tá posto à China tá aí ela tá lidando com o mundo como ele está lidando com os seus interesses, está lidando com o Trump como ele é, está lidando com o Brasil como ele é, então, eu acho que a questão realmente é da organização. A partir do momento em que a gente se organizar automação de quadros ela vai vir, a produção mais bem produtiva desses quadros vai acontecer. Veja, temos quadros brilhantes aí que estão no mundo, você tem direitos multinacionais brasileiras que estão aí no mundo, você tem gente de renome nas mais variadas áreas que estão aí no mundo quer dizer então, automação não quer dizer necessariamente que precisa da aplicação dos quadros mas sim da organização. Essa que a grande questão que a Simone falou, onde nós estamos, de onde nós estamos e para onde nós vamos, essa questão que nós vamos resolver e não é uma questão simples, não é uma questão que vai ser resolvida de hoje para amanhã, mas ela é a grande questão que nós precisamos pensar. O último ponto para encerrar, a gente falou da imigração isso talvez seja um levantar de bola para uma questão que a gente tem que discutir e lembrar que o maior fluxo migratório de seres humanos acontecem todos os anos na China, ele não necessariamente se reflete em crise não se necessariamente é um fenômeno socioeconômico, então será que a crise é socioeconômica sempre? É como se fosse o fluxo migratório é encarado, tudo bem você falar mas é o fluxo que acontece uma vez

por ano dentro de um país, mas os chineses estão sempre aqui, quer dizer então como é que é visto, como é que é organizado, como é que são tratadas essa questão do fluxo migratório. Isso é muito interessante, a gente tem que pensar, quando o Renato estava falando da crise da imigração na Europa, que é extremamente importante da gente pensar, eu estava lembrando do fluxo migratório que é o maior do mundo, que é o que acontece na China, nós já tivemos a chance de testemunhar, eu pelo menos 5 vezes, então são só esses pontos que eu queria levantar e agradecer pela vou poder participar dessa roda de conversa que eu acho que é muito produtiva e que pode ajudar a gente a pensar, a lidar com essas questões que são postas, acho que é mais que do que criticar, mais do que tentar achar culpados, temos que realmente pensar como nós podemos colaborar e o que nós podemos fazer para sair dessa situação que está posta, está posto então como nós vamos trabalhar para que aquilo que a gente acha que é que não deve ser seja mudado. É isso, obrigado.

Professor Antonio Marcelo: Rafael, por favor, não agradeça você é um dos responsáveis para a existência dessa roda de conversa então eu acho que todos vamos agradecer a todos, todos devem ser agradecidos por todas as questões. Por favor Renato suas considerações finais.

Renato: Só vou fazer duas colocações sobre o que Rafael falou, sobre a questão de diplomacia brasileira eu concordo completamente com ele, o problema não é formação dos nossos diplomatas e sim das políticas, acho que era isso que eu estava falando, se me expressei mal me desculpa. Estou falando o seguinte, os quadros que estão no nas condições de relações exteriores da defesa no Brasil, que são políticos eleitos e às vezes não tem formação necessária para lidar com esse tipo de tema, que é muito complicado e precisa ter uma formação mais profunda, da própria figura do ministro de relações exteriores que não é coisa para se dar como o cargo político em termos de dar um cargo para um partido por exemplo, que foi o caso do PSDB, esse tipo de ministério não se troca, nós tivemos uma tradição anterior de colocar diplomatas de carreira ali e que tinham essa formação de político. Acho que é disso que eu estou falando de modo mais geral, e a segunda coisa é a questão socioeconômica, eu falei da questão da Europa e do fluxo migratório porque é o seguinte o que eu estou tentando falar é que existe uma narrativa sobre o fluxo migratório e que isso é a causa da crise na Europa e eu estou dizendo que não é, essa não é a causa da imigração, isso pode acontecer e esse não é o problema maior, o problema maior é muito mais profundo, e tem sim questões socioeconômicas, eu quero na verdade falar sobre a questão da Universidade no Brasil, do aproveitamento do conhecimento, eu acho que isso que me chamou mais atenção. Nós produzimos Ciência Social no Brasil da maior qualidade, acho que isso todo mundo que tá aqui concorda, nós produzimos sociais para a ciência social no Brasil muito boa, porém teve um momento em particular que nós aproveitamos uma certa elite intelectual que não é formada no Brasil, o que era formado em grande parte nos Estados Unidos, e aproveitamos essa elite intelectual para avançar um projeto que não é brasileiro, que nos foi imposto de fora nos anos 90, quando tivemos que usar os economistas, técnicos e outros para implementar um programa da FMI, mas usamos a elite intelectual eles eram realmente pessoas muito inteligentes, eu não concordo com o projeto que nós utilizamos acho que nós estamos voltando a esses mesmos nomes agora, só queria que nós passamos a olhar para ciência social no Brasil como condição de crítica, porque muitas vezes se olha para a elite intelectual brasileira e diz que eles não apontam soluções mas

eles apontam o caminho que está errado. Acho que isso é uma das grandes funções da ciência social e a gente produz isso no Brasil com uma qualidade muito grande, eu digo isso só porque tiramos proveito de uma certa elite intelectual em algum momento no Brasil mas não foi da maneira que eu acredito que seja necessária, que seja bom para construção de nação, tem cientista social pensando nessas soluções e temos que olhar para esse essas pessoas em vez de olhar para pessoas que pensam o projetos dos outros e quer aplicar esses projetos no Brasil. E muito obrigado pela oportunidade estar aqui.

Professor Antonio Marcelo: Nós que agradecemos Renato, até porque de novo você e Marina já são parte de sessão pesquisadores associados do nosso projeto, então eu diria o seguinte já eram, agora vocês já estão trabalhando, não tem mais escapatória. Por favor meu querido professor José Medeiros suas palavras de encerramento.

Professor José Medeiros: Professor Antônio, professora Simone, Rafael, Marina, Renato e os nossos queridos internautas, penso que em pouco mais de uma hora temos uma demonstração bem objetiva de que o uso de plataformas para reunir pessoas já vai em parte resolver esse problema colocado pela Simone que é a necessidade de construir conhecimentos conjuntos, e o segundo passo será levar esse conhecimento para a transformação da realidade indesejada ou aquela realidade que não existe mas que precisamos que ela exista. Então eu penso que aqui já está uma excelente demonstração, percebemos como por exemplo, quando Rafael coloca a questão de que existe quadros competentes isto é uma informação altamente relevante, pela primeira vez você viu o Brasil vê que desde 2009, a história da crise comercial da China desde 2009, só agora nós temos um Embaixador com esse conhecimento profundo de China num desgoverno brasileiro, modesta opinião agora. Então, significa que uma andorinha não vai fazer verão e tem todo conhecimento, a prova concreta objetivo aqui reunida, de que este estado brasileiro não está criando mecanismos para captar esse conhecimento, porque eles têm projetos para grupos dentro no Brasil, eles não têm projeto que visa o Brasil como um todo, que vise o povo como um todo, então eles tem um grande conhecimento mas não estava às vezes para melhorar uma negociação em vendas de soja, de minérios, em captação de recurso chineses para construção. Vou citar um professor, nosso amigo Norberto, um grande conhecedor de China, foi fazer um curso na vida militar na China, é um dos nossos professores que tem me dado uma base para nos formar como pesquisadores de China, e como o governo brasileiro, a inteligência brasileira consegue tá pegando o conhecimento que ele tem à disposição, então é uma realidade e o Rafael colocou muito bem, precisa ser enfrentado. Eu acho que o tema que a Simone trás, da onde estamos nesse momento atual da reordenação do mundo, é um tema até para o próximo fórum, trazer outras pessoas para tentarmos ver onde é que nós estamos, esse é um problema que está até na física, será que o universo esta em expansão ou está em retração. Então eu estou muito satisfeito, eu quero agradecer a Universidade Federal Rural do semi-árido pela Simone e agradecer a Universidade Federal de Ouro Preto representada pelo professor Antônio, Eu creio que o exemplo de vocês dois, o esforço para que a realização desse fórum, o registro do projeto na UFOP, o fórum agora já tem quatro bolsistas da universidade, é um exemplo de como a universidade pode estar aí para dar uma orientação do ataque que esta sofrendo a não ter um segmento político e até econômico que coloca ela como desimportante, coloca ela como algo periférico na condição do Brasil, e a Universidade é algo central na condição do Brasil e vocês dois representantes dessas Universidades, desse projeto, estão dando a demonstração de que

isso é possível, espero que até mais universidades, mais professores possam estar juntos conosco e também para outras pessoas que não estão na universidade, outras pessoas que possam também trazer sua visão, porque nós estamos fazendo aqui é compartilhando visões e é isso que tá precisando nós não estamos precisando no momento atual de imposições de projetos, de demonstração de projeto, nós estamos fazendo projetos, nós estamos juntando pessoas para perceber onde estamos que é a questão de Simone, onde que estamos hoje, o que estamos fazendo. Nós temos que conseguir essa resposta e exigir várias gerações na condição dessa resposta. Mas eu quero agradecer aqui aos colegas chineses Renato e Marina que já são quase meia-noite, à Simone, ao professor Antônio que nos deixa muito contente com o Brasil, esse Fórum de hoje me deixou muito feliz, acho que o Brasil tá um caos e a China já passou por várias situações de caos e veja o exemplo, como que ela está erguida e o Brasil não vivenciou nem metade das experiências trágicas que a China vivenciou então é confiar e juntar forças para essa transformação.

Professor Antonio Marcelo: Bom eu não vou aqui fazer a síntese do que todos estão pensando porque acho que o professor José Medeiros e a professora Simone Rocha já fizeram os comentários muito precisos e Marina, Rafael e Renato vocês deram uma aula hoje foram brilhantes mesmo, eu falo como o professor que sou a 17 anos professor universitário e há mais de 20 como professor de uma forma geral e vocês têm o dom da palavra, então nesse aspecto eu durmo em paz com essa geração. Encerro dizendo o seguinte, estou profundamente emocionado porque nós estamos aqui numa mesa redonda, numa conversa, reunindo quatro cidades de dois países com uma distância de milhares de quilômetros entre as próprias cidades dentro do próprio país e para não falar que estamos reunindo duas partes do mundo, é uma coisa inacreditável, acho que hoje é um dia que vai marcar para sempre, conversei com José outro dia, nós dois, com nosso primeiro fórum mas agora a coisa está tomando uma dimensão realmente extraordinária. Então eu encerro agradecendo a todos, me sinto orgulhoso de tê-los como companheiros nesse projeto porque todos nós aqui somos membros do projeto, os professores, o jornalista Rafael e Marina e Renato, os pesquisadores associados, espero que outro se insiram também, novos fóruns vão acontecer, novos temas, e Oxalá permita que nossas palestras, nossas conversas rendam frutos como eu estou acreditando, então encerro esse nosso fórum, o segundo Fórum de uma maneira espetacular. Essas quatro cidades dos países do mundo reunidas, acho que isso nunca aconteceu, desconheço nas Universidades alguma coisa que tenha sido feita nesse sentido, muito obrigado a todos vocês e a gente termina essa nossa gravação de hoje, esse nosso fórum. Um grande abraço a todos.